

**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Faculdade de Letras**  
**POSLIN**  
**Curso de Especialização em Linguagem, Tecnologia e Ensino (LTE)**

**Marcos Felipe da Silva**

**Orientadores: Ronaldo Corrêa Gomes Júnior e Luciana Oliveira Silva**

**Um pitch de sucesso: assistindo, escrevendo, falando e produzindo vídeos - o encontro da  
produção escrita e oral nas aulas de língua portuguesa**

## **1. INTRODUÇÃO**

O avanço incessante da tecnologia nos abre um horizonte que merece e deve ser explorado em todas as áreas do conhecimento. A tecnologia é um horizonte sem fronteiras. O que antes era um processo oneroso, demorado, burocrático, como se comunicar com uma pessoa que está no Japão, por exemplo, é uma tarefa que pode ser feita em apenas alguns cliques na tela de um *smartphone* ou algumas teclas do computador na contemporaneidade. Especialmente na escola, onde os adolescentes continuam sua caminhada no mundo do saber para se tornarem cidadãos e têm acesso, praticamente, irrestrito à tecnologia, faz-se necessário desenvolver projetos que a incluam e envolvam no processo de construir e compartilhar conhecimento. A velocidade e facilidade de comunicação entre as pessoas ao redor do globo hoje é um fato que, de forma especial, exige a atenção do professor. Castells (2005, apud PINHEIRO, 2011, p. 227) diz que “as novas tecnologias da informação não são mais simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa”.

Pensando em conciliar o processo de ensino/aprendizagem com o uso da tecnologia, este projeto visa desenvolver a produção oral dos estudantes na mídia digital de vídeo. Para chegar a este objetivo, procura-se estimular o trabalho colaborativo, por meio das tecnologias digitais, articulando as habilidades da língua de maneira integrada, para encorajar os alunos a produzirem um pitch a fim de atrair investimentos para uma região do país. Busca-se orquestrar

as produções escrita e oral na língua portuguesa vividas na prática pelos alunos para a construção do conhecimento.

Com foco no objetivo principal, utilizando recursos como *smartphones* e computadores e ferramentas como o WhatsApp, Facebook, Google Docs, e Youtube, os alunos serão encorajados a elaborar, apoiados pela escrita colaborativa, um pitch em vídeo, mostrando dados linguísticos, geográficos, históricos, sociais e estatísticos da região do Brasil que escolheram.

O uso e aplicação de vídeos e a escrita colaborativa nos ambientes intraclasse merecem, neste projeto, destaque no que tange ao desenvolvimento da escrita e, principalmente, da oralidade. Espera-se que os discentes possam participar do processo de ensino e aprendizagem observando e fazendo. Considerando a ubiquidade das tecnologias em nosso fazer diário, é importante trabalhar com questões de letramento digital com os alunos que ingressam nas séries finais do ensino fundamental, entre os 6º e 9º ano.

Ao final do projeto, espera-se que os alunos desenvolvam a habilidade oral com auxílio da mídia digital vídeo. Para isso, trabalharão integrando as habilidades da língua (tendo em vista que precisarão ler, escrever, ouvir e falar) para a produção do pitch e espera-se que os discentes sejam capazes de estabelecer relações entre os textos lidos e as produções escrita e oral; reconhecer e analisar a função de linguagem do pitch; conhecer, através também de pesquisa, as variações linguísticas e especificidades sociais, geográficas e históricas das diferentes regiões do país.

## **1.1. A linguagem**

A linguagem é um processo de interação (GERALDI, 1984), uma habilidade construída socialmente por meio da qual as pessoas se incluem no meio onde vivem. Segundo Travaglia (2009, p. 23 apud GONÇALVES e BARONAS, 2013, p. 251), é ainda:

um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma das situações de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais.

Ela capacita o desenvolvimento das relações interpessoais e facilita, senão permite, a interação entre as pessoas. Para Oliveira (2011), “a linguagem é vista como lugar de interação humana, pois é por meio dela que o sujeito que fala pratica ações e age sobre o ouvinte”. É pensando nisso que o professor deve, sobremaneira, levar seus alunos a refletir sobre a linguagem em seus vários aspectos.

## **1.2. A língua**

A língua não é estanque e, por assim ser, varia, escrita e oralmente, de acordo com fatores históricos, sociais, culturais e geográficos (regionalismos, dialetos, socioletos e gírias, por exemplo). Além disso, pode variar de nível, sendo formal ou informal. Sendo assim, o bom falante deve saber quando e como aplicar as variações da língua nos diferentes âmbitos comunicativos. Refletir sobre tudo isso na escola, local privilegiado de interação, é tarefa enriquecedora para todos os envolvidos.

## **1.3. Sobre a oralidade**

Como um dos pilares do projeto, temos a oralidade, que começa a ser desenvolvida no ambiente familiar e, talvez, por isso, a escola evite ou se preocupe menos em ensinar o aluno a como falar, a como se adaptar às diferentes situações de fala. Trabalhar a oralidade com alunos é um processo importante, inclusive, para uma potencial formação de professores, profissão onde uma oralidade bem desenvolvida (subsidiada por didática e técnica) é fundamental. Sobre a oralidade, Milanez (1993) argumenta que

os registros orais na descrição do idioma são desconsiderados, na escola, também como instrumento de comunicação, uma vez que o aluno é avaliado exclusivamente pelo que escreve não pelo que fala, como se a escrita fosse o único veículo de comunicação entre os homens. (p.15 apud RAMOS e SILVA, 2012).

“Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais”, foi o que afirmou Bernard Schneuwly<sup>1</sup> em entrevista à Nova Escola em 2002 (apud RATIER, 2008). Nesse processo de ensino e aprendizagem busca-se tornar o aluno construtor ativo de seu conhecimento.

#### **1.4. A aprendizagem**

Ao falar de aprendizagem, Moreira (2006 apud PAZZINI e ARAÚJO, 2013) diz que ela

engloba várias questões e condições: interesse, motivação, habilidades e a interação com diferentes contextos, assim, o desafio dos educadores é despertar motivos para a aprendizagem, tornar as aulas interessantes e trabalhar através dos recursos tecnológicos os conteúdos relevantes para que possam ser compartilhados em experiências extracurriculares.

Neste viés, integrar a educação com os recursos tecnológicos e midiáticos faz parte do trabalho dos educadores. Não é possível mais enxergar e admitir alunos apenas como seres passivos. Esses esperam e querem atividades relevantes para a vida real, buscam experiências de interação, com recursos e comunicação. Neste projeto, tecnologia, educação, ensino e aprendizagem se complementam para alcançar os objetivos.

#### **1.5. Os vídeos no ambiente intraclasse**

Por que, então, trabalhar com vídeos na escola? Diz Moran (1993 apud PAZZINI e ARAÚJO, 2013) que o vídeo é importante pois tem maior uso no cotidiano dos alunos; conecta, de maneira especial, as pessoas com o mundo, diferentes realidades, e evidencia diversas faces (tristeza, alegria, informação, diversidade). O vídeo é lúdico e dinâmico, podendo impactar e interagir com os alunos. Ao educador cabe, pois, ensinar aos seus alunos a importância de saber ler e interpretar as imagens e os sons. A aprendizagem se tornará, assim, significativa, uma vez

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/315/oralidade-a-fala-que-se-ensina>>. Acesso em: 09 novembro 2017.



que haverá continuamente uma elaboração e reelaboração de significados (MOREIRA, 2006, apud PAZZINI e ARAÚJO, 2013).

Os vídeos tendem a ser uma ótima ferramenta de ensino por vários fatores<sup>2</sup>:

1. tem-se a facilidade de poder acessá-los em diversas plataformas, em diferentes locais, *online* e *offline*;
2. também tem um aspecto extremamente inclusivo, vejamos o tema da redação do ENEM 2017, por exemplo, sobre as dificuldades e desafios no ensino de surdos, os vídeos abrangem essas dificuldades e podem ser um elemento facilitador aos portadores de deficiências;
3. grande parte dos alunos têm mais facilidade em aprender com elementos visuais, uma aula bem organizada com eles pode aumentar o rendimento dos discentes;
4. os vídeos minimizam as latitudes e longitudes, quebram barreiras e trazem para a sala de aula lugares distantes geograficamente;
5. os vídeos podem ser incorporados a jogos de realidade aumentada, tornando a aula muito mais atrativa;
6. podem servir, também, para aulas semi-presenciais, como elementos complementares de aprendizagem;
7. eles fomentam a criatividade dos alunos, fornecem exemplos práticos e acessíveis de tarefas a serem desenvolvidas e corroboram com o desenvolvimento dos alunos nas habilidades digitais, acadêmicas e profissionais;
8. além de tudo isso, a capacidade interdisciplinar dos vídeos é enorme, ou seja, é possível abordar várias disciplinas com um mesmo material em vídeo.

## **1.6. Escrita colaborativa**

A escrita colaborativa, enfim, que também faz parte deste projeto, segundo Allen *et al* (1997, apud PINHEIRO, 2011) é “um processo de produção compartilhada: dois ou mais

---

<sup>2</sup> Disponível em:

<<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/10/03/972423/11-motivos-usar-videos-em-sala-aula.html>>.

Acesso em: 09 novembro 2017.

sujeitos, com habilidades complementares, interagem para criar um conhecimento compartilhado que nenhum deles tinha previamente ou poderia obter por conta própria”.

As capacidades e conhecimentos se complementam para a resolução de um problema, ao mesmo passo em que despertam e intensificam os esforços individuais. Pinheiro (2011) ainda argumenta que “o trabalho colaborativo se constitui a partir de um quadro de interações do grupo, no qual se compartilham descobertas, busca-se uma compreensão mútua da situação, negociam-se os significados a serem atribuídos ao trabalho, bem como se validam os saberes construídos”.

D’Andréa (2015, p. 286) argui que a descentralização “encoraja a independência e a especialização, ao mesmo tempo em que, por outro lado, permite às pessoas coordenar suas atividades e resolver problemas difíceis”. Essa descentralização concede aos alunos autonomia (que pode valorizar os diferentes níveis de engajamento, os conflitos e, ao final, o resultado) e, ao mesmo tempo, poder (valorizando o indivíduo e seu próprio desenvolvimento, percebendo a evolução de seu próprio trabalho no produto final, o pitch).

## 2. FERRAMENTAS

### 2.1. *WhatsApp*

O WhatsApp foi fundado em 2009 por Brian Acton e Jan Koum e é um aplicativo para celular (atualmente, pode ser acessado pelo computador, o *WhatsApp Web*) que possibilita a troca de mensagens instantaneamente. Disponibiliza ao usuário também chamadas de áudio e vídeo, além da troca de arquivos em diversos formatos. O aplicativo alcançou a marca de 1 bilhão de usuários ativos<sup>3</sup>. O WhatsApp também é importante no desenvolvimento do projeto, já que é gratuito e está disponível para várias plataformas (iOS, Android, WindowsPhone, BlackBerry).

O WhatsApp é um aplicativo fácil de ser usado, todavia, tutoriais bem simples podem ser encontrados na internet. Conforme podemos encontrar no Google Acadêmico<sup>4</sup>, há vários estudos sobre a transformação do aplicativo em uma ferramenta de ensino. Dentre eles, destaco os dos alunos da Universidade Federal da Paraíba (UFP) que propõe o uso do WhatsApp enquanto ferramenta de *mobile learning* ou *m-learning*<sup>5</sup> e o de Alencar et al (2015)<sup>6</sup> que apresenta:

os resultados obtidos através de uma experiência de uso do aplicativo WhatsApp Messenger por um grupo, com intuito educacional e como apoio nas práticas pedagógicas. A pesquisa é de abordagem quantitativa, com características de um levantamento de informações e teve como público alvo discentes e docente de uma disciplina de curso superior presencial. (ALENCAR et al. 2015).

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

<sup>4</sup> Disponível em:

<[https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&lr=lang\\_pt&as\\_sdt=0%2C5&q=whatsapp&btnG=>](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0%2C5&q=whatsapp&btnG=>)>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, E. D. S. et al. *Proposta de um modelo de cursos baseado em mobile learning: um experimento com professores e tutores no whatsapp*. In: **XI ESUD Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância, Florianópolis-SC. Pesquisa na EaD: reflexões sobre teoria e prática. Florianópolis-SC: NUTE UFSC. 2014.** p. 3482-3496. Disponível em: <<http://esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/128186.pdf>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

<sup>6</sup> ALENCAR, Gersica et al. *WhatsApp como ferramenta de apoio ao ensino*. In: **Anais dos Workshops do Congresso Brasileiro de Informática na Educação. 2015.** p. 787. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/wcbie/article/view/6117>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

Para este projeto, especialmente, o Whatsapp pode ser usado como ferramenta para aprofundar a discussão entre os alunos e também para nortear as tomadas de decisões deles.

## 2.2. Youtube

O Youtube existe desde 2005 e foi fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim. É, segundo o site Tecmundo<sup>7</sup>, a maior plataforma de vídeos do mundo. O site abriga uma infinidade de vídeos e todo dia recebe novas postagens. No contexto deste trabalho, o Youtube seria usado para que os alunos postassem a atividade por eles produzida, contemplando os aspectos da região alvo de pesquisa.

O Youtube é uma ferramenta mais fácil para se ver do que para postar, em todo caso, o site *WikiHow* disponibiliza um bom tutorial para o uso do primeiro<sup>8</sup>, seja para assistir, seja para fazer o *upload* de vídeos. Há vários trabalhos sobre o Youtube, ou através dele, desenvolvidos e podem ser facilmente encontrados na internet. Maior enfoque, neste caso, para João Mattar (2009)<sup>9</sup>, que em seu trabalho aborda a importância dos vídeos no Youtube, enquanto conteúdo livre, para o Ensino a Distância (EaD) e para o trabalho de Oliver Dreon, Richard M. Kerper e Jon Landis (2011)<sup>10</sup>, que fala sobre as narrativas digitais e a importância delas para o ensino/aprendizado na geração dos nativos digitais.

## 2.3. Google Docs

O *Google Docs* pode ser a ferramenta usada pelos alunos para criar o roteiro de produção do vídeo. O Google Docs é uma ferramenta que evoluiu do Writely, criado por Sam

---

<sup>7</sup> Disponível em:

<<https://www.tecmundo.com.br/youtube/118500-historia-youtube-maior-plataforma-videos-do-mundo-video.htm>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://pt.wikihow.com/Usar-o-YouTube>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

<sup>9</sup> MATTAR, João. *YouTube na educação: o uso de vídeos em EaD*. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2009. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/famat/viali/recursos/online/vlogs/YouTube.pdf>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

<sup>10</sup> DREON, Oliver; KERPER, Richard M.; LANDIS, Jon. *Digital storytelling: A tool for teaching and learning in the YouTube generation*. *Middle School Journal*, v. 42, n. 5, p. 4-10, 2011. Disponível em:

<<https://pdfs.semanticscholar.org/26c8/46fde8f734a33cecb624ad84ea1ce2906566.pdf>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

Schiallace, e tem como fim precípua a criação de documentos digitais (ferramentas oferecidas pelo *Microsoft Office*, principalmente). Segundo o próprio Schiallace, “a intenção era banir de vez a ferramenta que permite ‘trancar’ textos, já que isso não faria sentido em um ambiente colaborativo.”<sup>11</sup>.

O Google Docs pode ser interessante no desenvolvimento deste projeto, já que a produção dos alunos e a colaboratividade e interação entre eles tende a tornar a proposta mais interessante e aplicável. Um bom guia de como usar o Google Docs está disponível no endereço do TechTudo<sup>12</sup>.

Destaque na área acadêmica para o trabalho de Ana Claudia Teixeira Machado (2009)<sup>13</sup>, que dá ênfase à produção textual colaborativa e explica como o Google Docs “permite a interação e o intercâmbio de idéias, pois temos a possibilidade de trocar informações, sermos autores, interferir nos processos de construção do conhecimento” e o artigo de Adrew D. Spaeth e Roderick S. Black (2012)<sup>14</sup>, que experimentaram o Google Docs na Universidade do Kansas (EUA) e concluíram que “a simplicidade do conjunto de programas pode ser um poderoso recurso” (tradução minha).

Há outras ferramentas que podem e devem ser usadas durante o projeto, que, certamente, será aprimorado ao longo de seu desenvolvimento. Por se tratar, pois, de uma proposta, não basta, ainda, em si mesma.

---

<sup>11</sup> Disponível em:

<<https://www.tecmundo.com.br/google-docs/41570-criador-do-google-docs-fala-sobre-a-historia-do-produto.htm>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

<sup>12</sup> Disponível em:

<<http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2015/05/como-usar-o-google-docs-dicas-para-ficar-livre-do-velho-word.html>>. Acesso em: 17 de novembro 2017.

<sup>13</sup> MACHADO, Ana Claudia Teixeira. *GOOGLE DOCS & SPREADSHEETS: Autoria colaborativa na web 2.0. e-Tec*, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://revistas2.unibh.br/index.php/dtec/article/view/450>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

<sup>14</sup> SPAETH, Andrew D.; BLACK, Roderick S. *Google Docs as a form of collaborative learning*. 2012. Disponível em: <<http://pubs.acs.org/doi/abs/10.1021/ed200708p>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

### **3. IMPLEMENTAÇÃO**

#### **3.1. Público Alvo**

Este projeto se destina, principalmente, a alunos das séries finais do ensino fundamental.

#### **3.2. Objetivos**

O objetivo principal deste projeto é desenvolver a habilidade oral dos alunos com auxílio da mídia de vídeo (pitches) e apoiados pela escrita colaborativa. Por meio das tecnologias digitais, perpassando pela integração das habilidades da língua, busca-se encorajar os alunos a produzirem pitches a fim de atraírem investimentos para uma determinada região do país a qual representarão. Logo, passamos por objetivos específicos onde espera-se que eles sejam capazes de (a) estabelecer relações entre os textos lidos e ouvidos e as produções escrita e oral; (b) reconhecer e analisar a função de linguagem do pitch; (c) conhecer as variações linguísticas e especificidades sociais, geográficas e históricas das diferentes regiões do país.

#### **3.3. Desenvolvimento**

O projeto se desenvolverá sobre três pilares principais: **Escrita Colaborativa**, **Vídeos** e **Oralidade**. Ao mesmo passo, é uma atividade interdisciplinar que envolverá Geografia, História e Língua Portuguesa e ferramentas como Google Docs, Youtube e WhatsApp.

O projeto terá **4 etapas: Introdução e planejamento; Organização dos grupos; Pesquisa e construção do roteiro e Produção Final**, conforme a seguir:

##### ***3.3.1. Introdução e planejamento***

Para que este projeto alcance o objetivo que pretende, nas aulas de Geografia e História, sugere-se que seja feito um trabalho introdutório, panorâmico, sobre as diferentes regiões, seus aspectos geográficos e suas respectivas histórias, se já não estiver sendo feito no curso normal da disciplina. Enquanto isso, nas aulas de Língua Portuguesa o tema deverá ser as variações linguísticas. Através desta introdução, os alunos começarão a se inteirar do que, a seguir, será proposto. Espera-se que os alunos comecem a perceber, se já não o fizeram, as diferenças existentes no Brasil devido aos fatores, por exemplo, geográficos, históricos e sociais. Já que a intenção, posteriormente, é produzir um vídeo, o professor pode mostrar *Youtubers* de diferentes Estados brasileiros, como Whindersson Nunes (do Piauí), Flávia Calina (de São Paulo), Kéfera (do Paraná), Murilo Couto (do Pará) e 'Farkile' (de Rondônia), entre outros.

Fomentar a curiosidade e despertar a atenção dos alunos é tarefa importante neste início de trabalho. Por isso, atividades lúdicas e com relações com a vida real e cotidiano são importantes, como os vídeos das personagens acima citadas, que, possivelmente, são conhecidas do público jovem a quem este projeto se destina.

Ao longo desta etapa, o professor deve mostrar alguns pitches para os alunos e fomentar a discussão: Do que trata esse vídeo? Qual é o objetivo dele? Por que ele foi feito desta forma? O docente pode pedir que os alunos pesquisem o que é o pitch para a aula (pode ser na mesma aula ou para a próxima). Por fim, explicará que os alunos deverão criar um pitch para atrair investimentos para uma determinada região do país. Esperamos que nesta etapa os alunos sejam capazes de cumprir objetivos específicos de, entre outros: (a) correlacionar os textos lidos com o conhecimento prévio e, por conseguinte, com a tarefa que será proposta; (b) aplicar os conhecimentos obtidos para resolver um problema; (c) coletar informações que podem ser importantes para a execução da tarefa.

### ***3.3.2. Organização dos grupos***

Logo mais, os alunos deverão ser organizados em 5 grupos, de forma que cada grupo representará uma determinada região do Brasil. Sobre o trabalho em grupo, pesquisa da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) apontou o Brasil como 51º em um ranking de 52 países que mediu a capacidade de resolver problemas de forma colaborativa,

reportagem que foi exibida no Bom Dia Brasil<sup>15</sup>, programa da Rede Globo de Televisão. Nesse viés, é relevante fazer com que os alunos saibam como trabalhar em grupo e tornar o trabalho colaborativo uma ferramenta importante no desenvolvimento das tarefas até chegar a um resultado eficiente.

A separação dos alunos nos cinco grupos deve ser feita de forma motivadora, é importante buscar o melhor aproveitamento. O professor deve conhecer a turma e tem opções de divisão, como deixar que eles escolham ou sortear aleatoriamente, por exemplo. Vale lembrar que em todos os tipos de separação há pontos positivos e negativos.

Depois de estarem separados em grupos, deve-se escolher a região alvo. Então, os grupos deverão receber números de 1 a 5 por meio de sorteio, ou seja, escolhe-se um líder do grupo e coloca o nome dele em um saco. Depois, os nomes devem ser retirados do saco um a um e os grupos ganharão seus respectivos números conforme a ordem de retirada. A escolha da região deve ser feita de forma que envolva os alunos, empoderando-os no processo de escolha, por isso sugere-se o sorteio num primeiro momento e a escolha num segundo, já evocando a turma com um processo “gamificado”. Assim, o Grupo 1 escolherá a sua região, o Grupo 2 escolherá a sua e assim sucessivamente.

A tabela a seguir mostra como os professores podem arrolar os alunos para a criação dos grupos no Whatsapp ou do documento no Google Docs, já pensando no desenvolvimento do roteiro do vídeo.

| <b>ALUNOS DA ESCOLA “X”</b> |                       |  |  |
|-----------------------------|-----------------------|--|--|
| <b>GRUPO</b>                | <b>ALUNO</b>          | <b>WHATSAPP</b>  | <b>E-MAIL</b>  |
| 1. SUL                      | a<br>b<br>c<br>d<br>e | 11-111-111-111<br>22-222-222-222<br>33-333-333-333<br>44-444-444-444<br>55-555-555-555 | 111111@11.com.br<br>222222@22.com.br<br>333333@33.com.br<br>444444@44.com.br<br>555555@55.com.br |
| 2. SUDESTE                  |                       |  |  |
| 3. CENTRO-OESTE             |                       |  |  |

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6305844/>>. Acesso em: 23 de novembro de 2017.



|             |  |  |  |
|-------------|--|--|--|
| 4. NORDESTE |  |  |  |
| 5. NORTE    |  |  |  |

Então, teremos as turmas divididas respectivamente em 5 grupos, cada um representando uma determinada região do país. Aqui, espera-se o desenvolvimento do espírito de liderança nos alunos, cumplicidade e equidade na separação das tarefas.

### ***3.3.3. Pesquisa e construção do roteiro***

Parte-se para a construção coletiva do roteiro do que será elaborado. Sugere-se a criação de um documento no Google Docs, cujo o qual os alunos usarão para desenvolver os roteiros dos trabalhos. O WhatsApp, por ser mais acessível, será usado para fomentar as discussões e nortear a resolução de conflitos. Caso não seja possível utilizar o Google Docs, o professor pode se adequar e usar apenas o WhatsApp, conforme a sua necessidade de mediação, o que, possivelmente, não acarretará em prejuízo no produto final e no alcance dos objetivos.

Mas o que, afinal, é o “pitch”? Pitch é uma pequena apresentação, de, no máximo, 20 minutos, para atrair a atenção de investidores, colaboradores e clientes. É um gênero que valoriza o perfil empreendedor, ao mesmo tempo em que aflora a criatividade. É, ainda, interessante porque desperta o interesse dos alunos de “vender” a sua região para as outras pessoas, levando-os, automaticamente, a refletir sobre as estratégias que devem usar na elaboração do vídeo. Carabetta Júnior (2009) define a reflexão

como a capacidade de se voltar sobre si mesmo, sobre as construções sociais, sobre as intenções, representações e estratégias de intervenção, supõe a inevitabilidade de utilizar o conhecimento à medida que vai sendo produzido, para enriquecer e modificar a realidade e suas representações, as próprias intenções e o próprio processo de conhecer.

No âmbito deste projeto, o pitch será usado pelos alunos para atrair investidores para a região do país que representam. Já divididos em grupos e sabendo qual região representarão, os alunos devem passar para a fase de pesquisa, a fim de angariar informações importantes sobre a geografia, história e variação linguística da região alvo.

### 3.3.3.1. Pesquisa

Pádua (1996) define pesquisa como:

toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações. (p. 29 apud MATTOS e CASTANHA, p. 2).

Paulo Freire (p. 32 apud MATTOS e CASTANHA, p. 4) vai além para afirmar que “não há ensino sem pesquisa e não há pesquisa sem ensino”. Ou seja, sobremaneira, o professor deve incentivar seus alunos a pesquisarem. A construção do conhecimento individual e a autonomia durante a pesquisa são aspectos relevantes para o aluno em suas situações intercambiáveis da escola com a vida real.

O que se espera, afinal, é que eles conectem as pesquisas ao que lhes é apresentado e proposto, cumprindo os objetivos específicos, inclusive. É relevante deixar a criatividade dos alunos determinar o que eles devem fazer no pitch, não sonhando, contudo, orientações importantes sobre qualquer aspecto do trabalho. A própria preparação dos professores é fundamental para o bom andamento das atividades.

Perguntas norteadoras serão propostas nos grupos de WhatsApp e/ou no Google Docs:

1. O que faria um empresário, colaborador ou cliente investir na sua região?
2. Quais os recursos disponíveis?
3. Como é a geografia da sua região?
4. Qual a história?
5. Qual o diferencial da região para atrair as pessoas?
6. Quais tipos de empresários, colaboradores e clientes investiriam na sua região?

A partir dessas perguntas, o professor deve observar a dinâmica do grupo, os conflitos gerados e como eles serão resolvidos pelos participantes. O mediador pode fazer intervenções, caso perceba a necessidade delas.

### **3.3.4. Produção final**

Guiados pelas perguntas, mas não cerceados por elas, os alunos produzirão, por fim, o vídeo, com seus smartphones ou outras câmeras, sobre a região que escolheram representar, apresentando os motivos de alguém investir lá. Eles já, possivelmente, produziram o roteiro do pitch, com auxílio da escrita colaborativa, usando o Google Docs, com as estratégias que deverão usar para atrair os investidores. Eles devem, então, transformar o planejamento em algo concreto, na produção. O objetivo é gravar o vídeo e postá-lo no Youtube e/ou Facebook.

Importante deixar claro que o vídeo deverá abordar aspectos geográficos, históricos e variações linguísticas do lugar e, em contrapartida, não pode ultrapassar o tempo de 20 minutos. O desafio aos alunos tende a torná-los ainda mais interessados. O professor deve assistir os vídeos antes de serem postados e, assim, perceber e controlar conteúdos impróprios, degradantes, preconceituosos ou contendo qualquer tipo de discriminação. Isso pode ser observado, também, quando os alunos estiverem construindo o roteiro dos trabalhos. Por ser um vídeo de curta duração, não serão requeridos conhecimentos técnicos aprofundados dos alunos no que tange à edição, sendo certo, porém, que alguns deles podem ter mais familiaridade com a produção e edição de vídeos. Os vídeos que foram assistidos durante a introdução também podem ajudar os discentes a saberem como fazer.

O projeto é aplicável e depende de recursos que, em grande parte das escolas, já estão disponíveis, sendo beneficiado pela facilidade de acesso à rede, considerando que, hoje, os alunos gozam de *smartphones*, tablets, computadores, etc. e a própria escola se vê mais significativa na quantidade de recursos disponíveis.

#### **3.3.4.1. Uma feira de exibição**

Depois de todos os vídeos estarem prontos e postados, os professores envolvidos podem montar uma pequena feira de empreendedorismo e exibir os trabalhos para a escola e, possivelmente, comunidade escolar. A ideia é que a feira se desenvolva baseada em uma pergunta: “E aí, em qual região você investiria?”.

#### 4. AVALIAÇÃO

A avaliação deve orientar a aprendizagem e neste projeto se dará pelas competências e habilidades desenvolvidas pelos alunos. As formas de avaliação podem ser mescladas e devem ser adaptadas aos objetivos e necessidades de cada turma. O professor deve ter a sensibilidade de identificar nos discentes o grau de evolução oral obtido. Presume-se aqui que o professor conheça a turma e já tenha conhecido a maior parte dos integrantes dela, ou seja, o professor está (ou deveria estar) acompanhando o avanço de seus alunos.

O professor pode pedir que os alunos façam uma auto-avaliação e, depois, fazer um debate na sala de aula sobre os resultados alcançados com a proposta.

|  |   |
|--|---|
| O que você achou da sua participação durante o trabalho?                                 | <input type="checkbox"/> Ótima<br><input type="checkbox"/> Boa<br><input type="checkbox"/> Regular<br><input type="checkbox"/> Ruim         |
| Quanto você considera ter ajudado o grupo?   | <input type="checkbox"/> Muito<br><input type="checkbox"/> Razoavelmente<br><input type="checkbox"/> Pouco<br><input type="checkbox"/> Nada |
| Você acha que suas participações foram, de fato, relevantes para o trabalho? Justifique. |   |
| Qual foi a parte mais interessante do trabalho?  |   |
| O que você aprendeu e nunca mais esquecerá sobre as regiões brasileiras?                 |   |

Perguntas como: “O que você sabe agora sobre a região X?”; “Como é o relevo da região Y?”; “Como é a história da região W?”; “Por que alguém iria para a região Z?”, por exemplo, ajudam a incitar os alunos a continuarem dissertando sobre o tema e aprendendo em grupo, construindo respostas importantes a partir de experiências intra e extraclasse.

Diz Luckesi (2002) que devemos colher dados essenciais para avaliar aquilo que pretendemos que seja avaliado. O autor continua dizendo para que os instrumentos de avaliação:

a) sejam adequados ao tipo de conduta e de habilidade que estamos avaliando (informação, compreensão, análise, síntese, aplicação...); b) sejam adequados aos conteúdos essenciais planejados e, de fato, realizados no processo de ensino (o instrumento necessita cobrir todos os conteúdos que são considerados essenciais numa determinada unidade de ensino-aprendizagem; c) adequados na linguagem, na clareza e na precisão da comunicação (importa que o educando compreenda exatamente o que se está pedindo dele); adequados ao processo de aprendizagem do educando (um instrumento não deve dificultar a aprendizagem do educando, mas, ao contrário, servir-lhe de reforço do que já aprendeu. Responder as questões significativas significa aprofundar as aprendizagens já realizadas).

Em suma, discussões intraclasse, auto-avaliação e a rubrica a seguir podem ajudar o professor a mensurar a qualidade do trabalho desenvolvido. E esta última, especialmente, do vídeo produzido pelos alunos.

|   |   |   |   |               |
|---|---|---|---|---------------|
| O vídeo tem conteúdo próprio para exibição?   | O vídeo não apresenta qualquer problema para exibição - Bom | O vídeo apresenta parcialmente impróprio para exibição (nudez, palavras descontextualizados, sexo implícito e/ou similar) - Regular | O vídeo não pode ser exibido (é racista, preconceituoso, contém cenas explícitas de sexo e/ou similar) - Abaixo do esperado (contate, particularmente, o grupo) | Não foi feito |
| O trabalho atingiu o objetivo principal, ou seja, é um pitch sobre o tema proposto? | Atingiu completamente                                       | Atingiu parcialmente  | Atingiu minimamente   | Não atingiu   |
| O vídeo tem imagens, sons, outros vídeos, faz links com outros textos?              | Traz imagens, sons, outros vídeos, faz links - Bom          | Traz parcialmente imagens, sons, outros vídeos, faz links - Regular   | Não traz imagens, sons, outros vídeos, não faz links - Ruim   | Não foi feito |

|  |                                   |   |  |   |
|--|-----------------------------------|---|--|---|
| O vídeo apresenta erros de execução?   | Não apresenta qualquer erro       | Apresenta pequenos erros e pode ser corrigido | Apresenta erros graves e necessita de correção | Não foi feito   |
| O vídeo é próprio e tem o nome da escola, nome do professor, dos alunos, da campanha, créditos, referências, cita todos os donos dos direitos autorais, faz menção de toda propriedade intelectual, não viola nenhum direito certo e líquido de autoria? | O vídeo respeita todos os tópicos | O vídeo respeita parcialmente                 | O vídeo respeita minimamente                   | O vídeo não respeita (Professor, antes de divulgar o vídeo, peça que os alunos corrijam os pontos falhos. Respeite a propriedade intelectual do artista!) |

O que se espera, ao final, é que os alunos possam ser capazes de conhecer mais, geografica e historicamente, as diferentes regiões brasileiras e suas respectivas variações linguísticas. E que façam o pitch, lançando mão da escrita e da oralidade, com estratégias de empreendedorismo, para atrair investimento para uma determinada região do país, correlacionando o que foi lido, ouvido e assistido para a produção e, conseqüente, construção do conhecimento.

## Referências:

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. B823p. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 144p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 07 de novembro de 2017.

BRUNS, Axel. *Blogs, Wikipedia, Second Life, and Beyond: from production to produsage*. Peter Inc Publishing Inc.: New York, 2008. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=oj2A68UIHpkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 03 de outubro de 2018.

CARABETTA JÚNIOR, Valter. *Rever, Pensar e (Re)significar: a Importância da Reflexão sobre a Prática na Profissão Docente*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v34n4/v34n4a14>>. Acesso em: 28 de junho de 2018.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. *A importância do conhecimento da variação linguística*. Educar, Curitiba, n. 12, p. 51-60. 1996. Editora UFPR. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40601996000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601996000100005)>. Acesso em: 02 de outubro de 2018.

D'ANDRÉA, Carlos. *Colaboração por pares em rede: conceitos, modelos, desafios*. In: RIBEIRO, José Carlos; BRAGA, Vítor e SOUZA, Paulo Victor (Orgs.). **Performances interacionais e mediações sociotécnicas**. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 283-304.

\_\_\_\_\_. *Rumo a uma plataformização social*. **Letras**, n. 53, 2017, p. 17. Disponível em: <<https://medium.com/@carlosdand/rumo-a-uma-plataformizacao-do-social-2384f990fbad>>. Acesso em: 08 de agosto de 2018.

GONÇALVES, Leticia Aparecida de Araújo; BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. *Concepções de linguagem: gramática de língua portuguesa e ensino de língua materna*. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/16191/13898>>. Acesso em: 02 de outubro de 2018.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?* 2002. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2511.pdf>>. Acesso em: 22 de outubro de 2018.

MATTOS, Elenir Maria Andreolla; CASTANHA, André Paulo. *A importância da pesquisa escolar para a construção do conhecimento do aluno no ensino fundamental*. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2525-6.pdf>>. Acesso em: 16 de outubro de 2018.

OLIVEIRA, Mirian Leite Gomes de. *A oralidade no livro didático de língua portuguesa*. 2011. Disponível em:

<[http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/V/anais/poster/010\\_2011\\_poster.pdf](http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/V/anais/poster/010_2011_poster.pdf)>. Acesso em: 07 de novembro de 2017.

PAZZINI, Darlin Nalú Ávila; ARAÚJO, Fabrício Viero de. *O uso do vídeo como ferramenta de apoio ao ensino-aprendizagem*. 2013. Disponível em: <[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/729/Pazzini\\_Darlin\\_Nalu\\_Avila.pdf?sequence=>](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/729/Pazzini_Darlin_Nalu_Avila.pdf?sequence=>)>. Acesso em: 03 de outubro de 2018.

PINHEIRO, Petrilson Alan. *A escrita colaborativa por meio do uso de ferramentas digitais: resignificando a produção textual no contexto escolar*. Calidoscópico, v. 9, n. 3 (2011). Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2011.93.07>>. Acesso em: 26 de novembro de 2017.

\_\_\_\_\_. *Colaboração/cooperação escrita via internet: questões teórico práticas para inovar práticas de escrita na escola*. Revista da Anpoll, v. 1, n. 34 (2013). Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/665/690>>. Acesso em: 26 de novembro de 2017.

RAMOS, Andressa de Brito; SILVA, Marcelo Alexandre da. *O uso da oralidade como ferramenta de interação na sala de aula*. 2012. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho\\_Comunicacao\\_oral\\_idinscrito\\_1019\\_738787e33febf153f1a935004747c3d.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_1019_738787e33febf153f1a935004747c3d.pdf)>. Acesso em: 07 de novembro de 2017.

RATIER, Rodrigo. *Oralidade: a fala que se ensina*. 2008. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/315/oralidade-a-fala-que-se-ensina>>. Acesso em: 07 de novembro de 2017.





O encontro da produção escrita e oral nas aulas de língua portuguesa

# Um pitch de sucesso

assistindo, escrevendo, falando e produzindo vídeos

Por Marcos Felipe da Silva

SILVA, Marcos Felipe da.

## UM PITCH DE SUCESSO

ASSISTINDO, ESCRREVENDO, FALANDO E  
PRODUZINDO VÍDEOS

O ENCONTRO DA PRODUÇÃO ESCRITA E ORAL  
NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Projeto apresentado ao curso de Linguagem, Tecnologia e Ensino (LTE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Linguagem, Tecnologia e Ensino.

Orientadores: Ronaldo Corrêa Gomes Júnior e Luciana Oliveira Silva

2018

Capa: imagem do site - <http://info.geekie.com.br/integracao-tecnologia-sala-aula/>



E-mail: [prior\\_aymer@hotmail.com](mailto:prior_aymer@hotmail.com)



Assista também no Youtube:



Instagram: [marquinhofsilva](https://www.instagram.com/marquinhofsilva)



Facebook: [Marcos Felipe da Silva](https://www.facebook.com/MarcosFelipeDaSilva)



# AS RAÍZES ME PERDOAM

*Marcos Felipe da Silva*

Meus devaneios matutinos têm me trazido o engenho  
De arte pura e singela carregada de sentimentalismo  
O amor que sonho eu não tenho  
Trago em mim certo ufanismo  
Para pintar-te, Anjo Lindo, pré-desenho  
E que terei companhia é um achismo  
Destes que vêm com a melancolia de uma noite só  
Quando você tenta ficar bem e acaba ficando pior

Se tens motivos para permanecer assim tão longe  
Eu a perdooo, pois de Deus, certos momentos, me afastei  
Amanhã é novo dia, mesmo sol nascendo no horizonte  
E vangloriar-te em meu verso eu hei  
Dos sonhos mais abstratos tu és divina fonte  
E Nossa Pátria amada e gentil eu cantarei  
Oh! Excelso Luso, de tantas glórias em tempo febril  
Perdoe-me, mas não há neste mundo terra como a terra do Brasil!





Querido professor,

Este projeto busca orientar a sua prática de forma clara e didática, sem, porém, limitar a autonomia que lhe é concedida no ambiente intraclasse.

Por tratar-se de um projeto, aliás, ele pode e deve ser revisado e aprimorado conforme as suas práticas docentes.

Entendemos o professor como um mediador e motivador de seus alunos e procuramos construir uma atividade onde todos sejam, auxiliados pelas tecnologias, construtores do conhecimento, e se tornem cada vez mais ativos no processo de ensino e aprendizagem. Tenha um bom trabalho!

Abraços do autor

# Sumário

|  |    |
|--|----|
| Para começar.....                              | 1  |
| Onde queremos chegar.....                      | 2  |
| Algumas considerações.....                     | 5  |
| Sobre a linguagem.....                         | 5  |
| A língua.....                                  | 5  |
| A oralidade.....                               | 6  |
| A aprendizagem e os recursos tecnológicos..... | 7  |
| Por que trabalhar com vídeos na escola?.....   | 8  |
| É a escrita colaborativa?.....                 | 10 |
| É o que vamos usar?.....                       | 11 |
| O projeto.....                                 | 12 |
| Público alvo.....                              | 13 |
| O que esperamos.....                           | 14 |
| Introdução e planejamento.....                 | 15 |
| Organização dos grupos.....                    | 17 |
| Pesquisa e construção do roteiro.....          | 19 |
| Pitch.....                                     | 20 |
| Produção final.....                            | 23 |
| Avaliação.....                                 | 25 |
| Referências.....                               | 31 |

PARA  
COMEÇAR!

1

O avanço incessante da tecnologia nos abre um horizonte que merece e deve ser explorado em todas as áreas do conhecimento. A tecnologia é um horizonte sem fronteiras. O que antes era um processo oneroso, demorado, burocrático, como se comunicar com uma pessoa que está no Japão, por exemplo, é uma tarefa que pode ser feita em apenas alguns cliques na tela de um smartphone ou algumas teclas do computador na contemporaneidade. Especialmente na escola, onde os adolescentes continuam sua caminhada no mundo do saber para se tornarem cidadãos e têm acesso, praticamente, irrestrito à tecnologia, faz-se necessário desenvolver projetos que a incluam e envolvam no processo de construir e compartilhar conhecimento. A velocidade e facilidade de comunicação entre as pessoas ao redor do globo hoje é um fato que, de forma especial, exige a atenção do professor. Castells (2005, apud PINHEIRO, 2011, p. 227) diz que “as novas tecnologias da informação não são mais simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa”.

E, então, o que  
faremos,  
professor?





Pensando em conciliar o processo de ensino/aprendizagem com o uso da tecnologia, este projeto visa desenvolver a produção oral dos estudantes na mídia digital de vídeo. Para chegar a este objetivo, procura-se estimular o trabalho colaborativo, por meio das tecnologias digitais, articulando as habilidades da língua de maneira integrada, para encorajar os alunos a produzirem um pitch a fim de atrair investimentos para uma região do país. Busca-se orquestrar as produções escrita e oral na língua portuguesa vividas na prática pelos alunos para a construção do conhecimento.

Com foco no objetivo principal, utilizando recursos como smartphones e computadores e ferramentas como o Whatsapp, Facebook, Google Docs e Youtube, os alunos serão encorajados a elaborarem, apoiados pela escrita colaborativa, um pitch em vídeo, mostrando dados linguísticos, geográficos, históricos, sociais e estatísticos da região do Brasil que escolheram.

O uso e aplicação de vídeos e a escrita colaborativa nos ambientes intraclasse merecem, neste projeto, destaque no que tange ao desenvolvimento da escrita e, principalmente, oralidade. Espera-se que os discentes possam participar do processo de ensino e aprendizagem observando e fazendo. Considerando a ubiquidade das tecnologias em nosso fazer diário, é importante trabalhar com questões de letramento digital com os alunos que ingressam nas séries finais do ensino fundamental, entre os 6º e 9º ano.



# ONDE QUEREMOS CHEGAR?

4

Ao final do projeto, esperamos que os alunos desenvolvam a habilidade oral com auxílio da mídia digital vídeo. Para isso, trabalharão integrando as habilidades da língua (tendo em vista que precisarão ler, escrever, ouvir e falar) para a produção do pitch e esperamos, ainda, que os discentes sejam capazes de estabelecer relações entre os textos lidos e as produções escrita e oral; reconhecer e analisar a função de linguagem do pitch; conhecer, através também de pesquisa, as variações linguísticas e especificidades sociais, geográficas e históricas das diferentes regiões do país.

Estimado professor,

Tudo isso depende de você, enquanto mediador do projeto e incentivador de seus alunos.

Juntos, auxiliados pelas tecnologias, podemos fazer do ensino e aprendizado mais do que obrigação, mas uma atividade lúdica e prazerosa, sem deixar de ser eficaz ao que se propõe.

Todos os dias somos desafiados a motivar nossos alunos e não podemos perder a batalha!

# ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

5

## Sobre a linguagem

A linguagem é um processo de interação (GERALDI, 1984), uma habilidade construída socialmente por meio da qual as pessoas se incluem no meio onde vivem.

Ela capacita o desenvolvimento das relações interpessoais e facilita, senão permite, a interação entre as pessoas. Para Oliveira (2011), "a linguagem é vista como lugar de interação humana, pois é por meio dela que o sujeito que fala pratica ações e age sobre o ouvinte". É pensando nisso que o professor deve, sobremaneira, levar seus alunos a refletirem sobre a linguagem em seus vários aspectos.

## A LÍNGUA

Segundo Travaglia (2009, p. 23 apud GONÇALVES e BARONAS, 2013, p. 251), a linguagem é ainda:

um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma das situações de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e "falam" e "ouvem" desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais.

NÃO É ESTANQUE E, POR ASSIM SER, VARIA, ESCRITA E ORALMENTE, DE ACORDO COM FATORES HISTÓRICOS, SOCIAIS, CULTURAIS E GEOGRÁFICOS (REGIONALISMOS, DIALETOS, SOCIOLETOS E GÍRIAS, POR EXEMPLO). ALÉM DISSO, PODE VARIAR DE NÍVEL, SENDO FORMAL OU INFORMAL. SENDO ASSIM, O BOM FALANTE DEVE SABER QUANDO E COMO APLICAR AS VARIAÇÕES DA LINGUAGEM NOS DIFERENTES ÂMBITOS COMUNICATIVOS. REFLETIR SOBRE TUDO ISSO NA ESCOLA, LOCAL PRIVILEGIADO DE INTERAÇÃO, É TAREFA ENRIQUECEDORA PARA TODOS OS ENVOLVIDOS.

# A oralidade

Como foco do projeto, temos a oralidade, que começa a ser desenvolvida no ambiente familiar e, talvez, por isso, a escola evite ou se preocupe menos em ensinar o aluno a como falar, a como se adaptar às diferentes situações de fala. Trabalhar a oralidade com alunos é um processo importante, inclusive, para uma potencial formação de professores, profissão onde uma oralidade bem desenvolvida (subsidiada por didática e técnica) é fundamental.

“Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais”, foi o que afirmou Bernard Schneuwly em entrevista à Nova Escola em 2002 (apud RATIER, 2008).



Sobre a oralidade,  
Milanez (1993)  
argumenta  
que



os registros orais na descrição do idioma são desconsiderados, na escola, também como instrumento de comunicação, uma vez que o aluno é avaliado exclusivamente pelo que escreve não pelo que fala, como se a escrita fosse o único veículo de comunicação entre os homens. (p.15 apud RAMOS e SILVA, 2012).

**NESTE PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM BUSCAMOS TORNAR O ALUNO CONSTRUTOR ATIVO DE SEU CONHECIMENTO ORAL.**



# A APRENDIZAGEM E OS RECURSOS TECNOLÓGICOS

# 7

Ao falar de aprendizagem, Moreira (2006 apud PAZZINI e ARAÚJO, 2013) diz que ela:

engloba várias questões e condições: interesse, motivação, habilidades e a interação com diferentes contextos, assim, o desafio dos educadores é despertar motivos para a aprendizagem, tornar as aulas interessantes e trabalhar através dos recursos tecnológicos os conteúdos relevantes para que possam ser compartilhados em experiências extracurriculares.

Professor,

Os alunos contam com você como mediador do processo de ensino e aprendizagem. Este manual irá auxiliá-lo no desempenho de suas tarefas, consulte-o sempre que precisar. Sinta-se à vontade para fazer as adaptações e alterações que achar necessárias. Estamos à serviço da educação.

Neste viés, integrar a educação com os recursos tecnológicos e midiáticos faz parte do trabalho dos educadores. Não é possível mais enxergar e admitir alunos apenas como seres passivos. Esses esperam e querem atividades relevantes para a vida real, buscam experiências de interação, com recursos e comunicação. Neste projeto, tecnologia, educação, ensino e aprendizagem se complementam para alcançar os objetivos.



## Por que trabalhar com vídeos na escola?



Diz Moran (1993 apud PAZZINI e ARAÚJO, 2013) que o vídeo é importante pois tem maior uso no cotidiano dos alunos; conecta, de maneira especial, as pessoas com o mundo, diferentes realidades, e evidencia diversas faces (tristeza, alegria, informação, diversidade). O vídeo é lúdico e dinâmico, podendo impactar e interagir com os alunos. Ao educador cabe, pois, ensinar aos seus alunos a importância de saber ler e interpretar as imagens e os sons. A aprendizagem se tornará, assim, significativa, uma vez que haverá continuamente uma elaboração e reelaboração de significados (MOREIRA, 2006, apud PAZZINI e ARAÚJO, 2013).

Os vídeos tendem a ser uma ótima ferramenta de ensino por vários fatores:

1. tem-se a facilidade de poder acessá-los em diversas plataformas, em diferentes locais, online e offline;
2. também tem um aspecto extremamente inclusivo, vejamos o tema da redação do ENEM 2017, por exemplo, sobre as dificuldades e desafios no ensino de surdos, os vídeos abrangem essas dificuldades e podem ser um elemento facilitador aos portadores de deficiências;
3. grande parte dos alunos têm mais facilidade em aprender com elementos visuais, uma aula bem organizada com eles pode aumentar o rendimento dos discentes;
4. os vídeos minimizam as latitudes e longitudes, quebram barreiras e trazem para a sala de aula lugares distantes geograficamente;
5. os vídeos podem ser incorporados a jogos de realidade aumentada, tornando a aula muito mais atrativa;
6. podem servir, também, para aulas semi-presenciais, como elementos complementares de aprendizagem;
7. eles fomentam a criatividade dos alunos, fornecem exemplos práticos e acessíveis de tarefas a serem desenvolvidas e corroboram com o desenvolvimento dos alunos nas habilidades digitais, acadêmicas e profissionais;
8. além de tudo isso, a capacidade interdisciplinar dos vídeos é enorme, ou seja, é possível abordar várias disciplinas com um mesmo material em vídeo.

## E a escrita colaborativa?

A escrita colaborativa, que também faz parte deste projeto, segundo Allen et al (1997, apud PINHEIRO, 2011) é “um processo de produção compartilhada: dois ou mais sujeitos, com habilidades complementares, interagem para criar um conhecimento compartilhado que nenhum deles tinha previamente ou poderia obter por conta própria”.

As capacidades e conhecimentos se complementam para a resolução de um problema, ao mesmo passo em que despertam e intensificam os esforços individuais. Pinheiro (2011) ainda argumenta que “o trabalho colaborativo se constitui a partir de um quadro de interações do grupo, no qual se compartilham descobertas, busca-se uma compreensão mútua da situação, negociam-se os significados a serem atribuídos ao trabalho, bem como se validam os saberes construídos”.

D’Andréa (2015, p. 286) argui que a descentralização “encoraja a independência e a especialização, ao mesmo tempo em que, por outro lado, permite às pessoas coordenar suas atividades e resolver problemas difíceis”. Essa descentralização concede aos alunos autonomia (que pode valorizar os diferentes níveis de engajamento, os conflitos e, ao final, o resultado) e, ao mesmo tempo, poder (valorizando o indivíduo e seu próprio desenvolvimento, percebendo a evolução de seu próprio trabalho no produto final, o pitch).



# E o que vamos usar?

11



O WhatsApp foi fundado em 2009 por Brian Acton e Jan Koum e é um aplicativo para celular (atualmente, pode ser acessado pelo computador, o WhatsApp Web) que possibilita a troca de mensagens instantaneamente. Disponibiliza ao usuário também chamadas de áudio e vídeo, além da troca de arquivos em diversos formatos. Ele será usado para fomentar as discussões e nortear a resolução dos problemas.

Link!



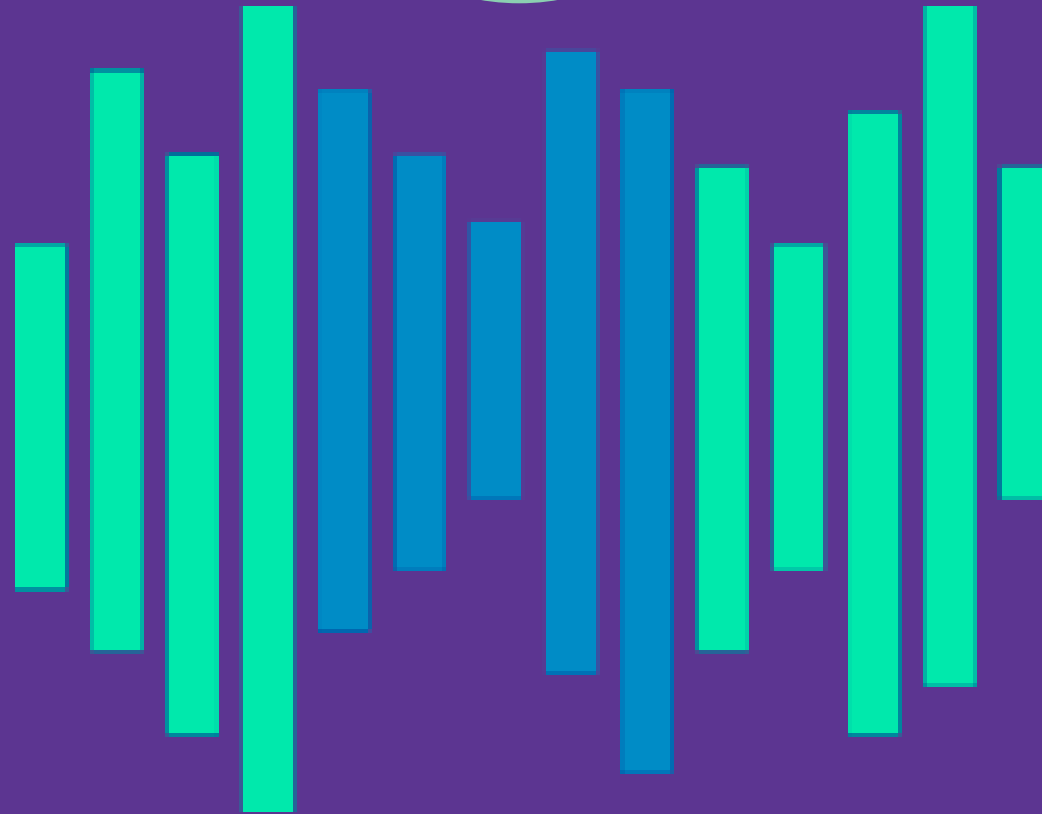
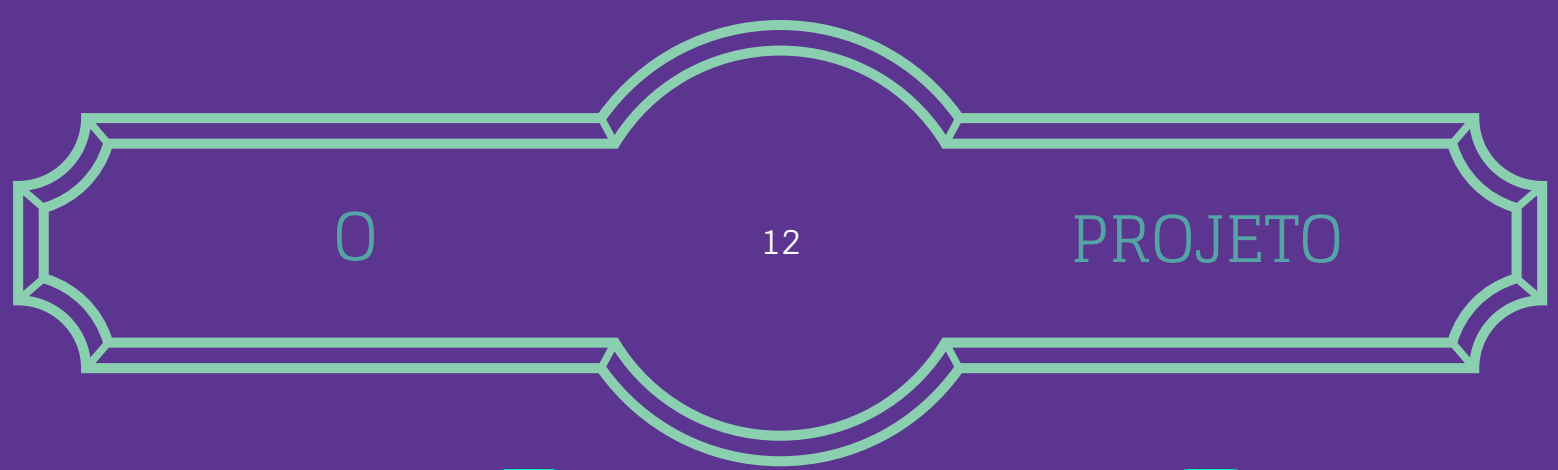
O Youtube existe desde 2005 e foi fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim. É, segundo o site Tecmundo, a maior plataforma de vídeos do mundo. O site será usado para que os alunos postem os seus trabalhos.

DOC

O Google Docs pode ser a ferramenta usada pelos alunos para criar o roteiro de produção do vídeo. É uma ferramenta que evoluiu do Writely, criado por Sam Schiallace, e tem como fim precípua a criação de documentos digitais (ferramentas oferecidas pelo Microsoft Office, principalmente). Segundo o próprio Schiallace, “a intenção era banir de vez a ferramenta que permite ‘trancar’ textos, já que isso não faria sentido em um ambiente colaborativo.”







Professor, agora é a hora de implementar o projeto! Este manual te ajudará com um passo a passo e com prazos estimados para cada tarefa. Você pode e deve adaptar os prazos conforme a sua necessidade. Mãos à obra!

# PÚBLICO ALVO

ALUNOS DAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL

13

O projeto se desenvolverá sobre três pilares principais: Escrita Colaborativa, Vídeos e Oralidade. É também uma atividade interdisciplinar que envolverá Geografia, História e Língua Portuguesa e ferramentas como Google Docs, Youtube e WhatsApp.

O projeto terá 4 etapas: Introdução e planejamento; Organização dos grupos; Pesquisa e construção do roteiro e Produção Final.

# O QUE ESPERAMOS?

*Essa é uma descrição dos objetivos que esperamos alcançar.*



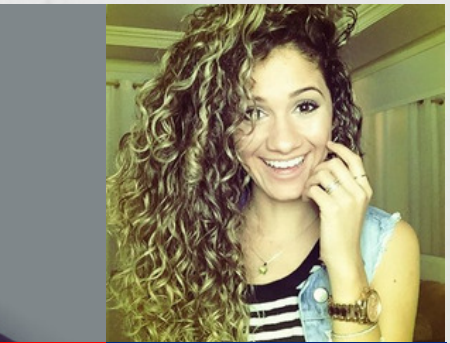
O objetivo principal é desenvolver a habilidade oral dos alunos com auxílio da mídia de vídeo (pitches) e apoiados pela escrita colaborativa. Por meio das tecnologias digitais, perpassando pela integração das habilidades da língua, busca-se encorajar os alunos a produzirem pitches, a fim de atraírem investimentos para uma determinada região do país a qual representarão. Passamos por objetivos específicos onde espera-se que eles sejam capazes de (a) estabelecer relações entre os textos lidos e ouvidos e as produções escrita e oral; (b) reconhecer e analisar a função de linguagem do pitch; (c) conhecer as variações linguísticas e especificidades sociais, geográficas e históricas das diferentes regiões do país.

1ª  
etapa

Introdução e planejamento

Tempo estimado: uma aula de 50 min

Para que este projeto alcance o objetivo que pretende, nas aulas de Geografia e História, sugere-se que seja feito um trabalho introdutório, panorâmico, sobre as diferentes regiões, seus aspectos geográficos e suas respectivas histórias, se já não estiver sendo feito no curso normal da disciplina. Enquanto isso, nas aulas de Língua Portuguesa o tema deverá ser as variações linguísticas. Através desta introdução, os alunos começarão a se inteirar do que, a seguir, será proposto. Espera-se que os alunos comecem a perceber, se já não o fizeram, as diferenças existentes no Brasil devido aos fatores, por exemplo, geográficos, históricos e sociais. Já que a intenção, posteriormente, é produzir um vídeo, você pode mostrar Youtubers de diferentes Estados brasileiros, como Whindersson Nunes (do Piauí), Flávia Calina (de São Paulo), Kéfera (do Paraná), Murilo Couto (do Pará) e 'Farkile' (de Rondônia), entre outros.





Fomentar a curiosidade e despertar a atenção dos alunos é tarefa importante neste início de trabalho. Por isso, atividades lúdicas e com relações com a vida real (como o empreendedorismo\*) e cotidiano são importantes, como os vídeos das personagens acima citadas, que, possivelmente, são conhecidas do público jovem a quem este projeto se destina.

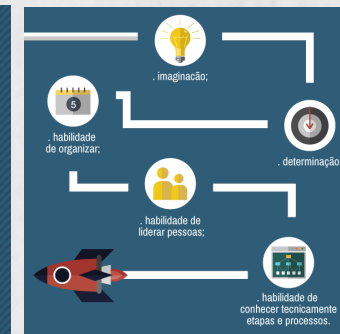
Ao longo desta etapa, você deve mostrar alguns pitches para os alunos e fomentar a discussão: Do que trata esse vídeo? Qual é o objetivo dele? Por que ele foi feito desta forma? Você pode pedir que os alunos pesquisem o que é o pitch para a aula (pode ser na mesma aula ou para a próxima). Por fim, explicará que os alunos deverão criar um pitch para atraírem investimentos para uma determinada região do país.



## \*Sobre o empreendedorismo

“Um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões.”

Fillion, 1999, pág. 19.



# 16

Segundo o site do SEBRAE, o empreendedor é "aquele que inicia algo novo, que vê o que ninguém vê, enfim, aquele que realiza antes, aquele que sai da área do sonho, do desejo, e parte para a ação".

Se quiser saber mais sobre empreendedorismo, dê uma conferida lá no site:

<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/o-que-e-ser-empendedor,ad17080a3e107410VgnVCM1000003b74010aRCRD>

## 2ª etapa: Organização dos grupos

APROXIMADAMENTE  
30 MIN

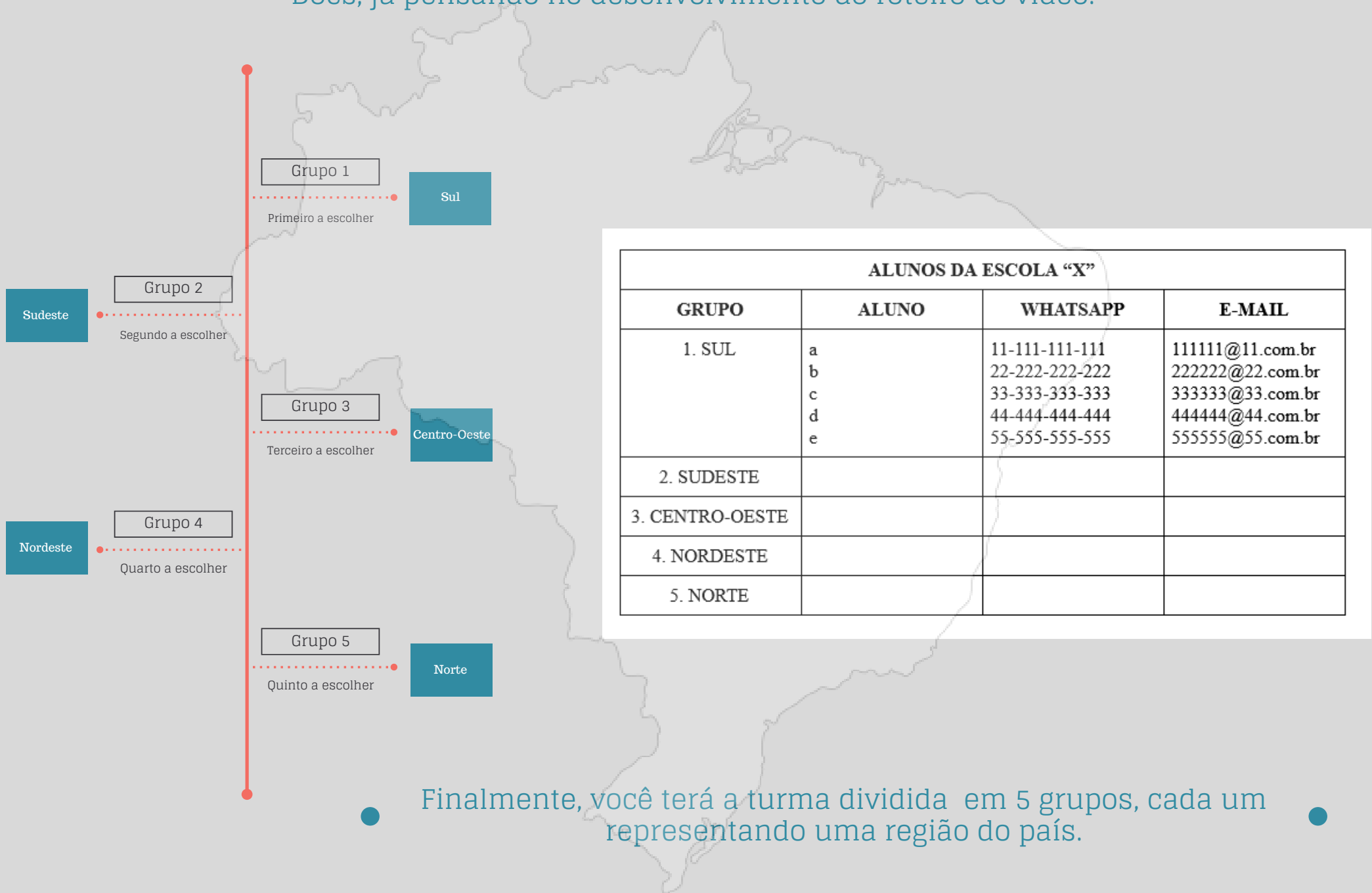
17

Os alunos deverão ser organizados em 5 grupos, de forma que cada grupo representará uma determinada região do Brasil. É relevante fazer com que os alunos saibam como trabalhar em grupo e tornar o trabalho colaborativo uma ferramenta importante no desenvolvimento das tarefas até chegar a um resultado eficiente.

A separação dos alunos nos grupos deve ser feita de forma motivadora, é importante buscar o melhor aproveitamento. Você conhece a turma e tem opções de divisão, como deixar que eles escolham ou sortear aleatoriamente, por exemplo.

Depois de estarem separados em grupos, deve-se escolher a região alvo. Então, os grupos deverão receber números de 1 a 5 por meio de sorteio, ou seja, escolhe-se um líder do grupo e coloca o nome dele em um saco. Depois, os nomes devem ser retirados do saco um a um e os grupos ganharão seus respectivos números conforme a ordem de retirada. A escolha da região deve ser feita de forma que envolva os alunos, empoderando-os no processo de escolha, por isso sugere-se o sorteio num primeiro momento e a escolha num segundo, já chamando a turma com um processo “gamificado”, ou seja, com características de jogos. No fim, o Grupo 1 escolherá a sua região, o Grupo 2 escolherá a sua e assim sucessivamente.

- A tabela a seguir mostra como os professores podem arrolar os alunos
- para a criação dos grupos no Whatsapp ou do documento no Google Docs, já pensando no desenvolvimento do roteiro do vídeo.



Finalmente, você terá a turma dividida em 5 grupos, cada um representando uma região do país.

## 3ª etapa: Pesquisa e construção do roteiro

Tempo estimado: 20 min (tempo destinado para a reunião dos grupos a fim de discutir as pesquisas e roteiro)

19

Parte-se para a construção coletiva do roteiro do que será elaborado. Sugere-se a criação de um documento no Google Docs ou um grupo no WhatsApp, cujo o qual os alunos usarão para desenvolver os roteiros dos trabalhos. Considera-se a segunda opção mais acessível e dinâmica, já que é parte do fazer diário dos alunos, e, por isso, talvez, ela seja também mais viável. Você pode, entretanto, escolher entre um ou outro, conforme a sua necessidade de mediação, o que, possivelmente, não acarretará em prejuízo no produto final e no alcance dos objetivos.

Professor, observe que o roteiro será desenvolvido com auxílio das tecnologias e considere que o tempo desta tarefa pode ser menor, já que será possível acompanhar o desenvolvimento e fomentar a discussão dos trabalhos on line.

Mas  
o que  
afinal  
é o  
pitch?





**Pitch é uma pequena apresentação, de, no máximo, 20 minutos, para atrair a atenção de investidores, colaboradores e clientes. É um gênero que valoriza o perfil empreendedor, ao mesmo tempo em que aflora a criatividade.**

# THE PERFECT

# PITCH

## TIPOS DE PITCHES

|                     | 1 MINUTO  | 3 A 5 MINUTOS  | 7 A 10 MINUTOS                             | ATÉ 20 MINUTOS                    |
|---------------------|---|--|--|-----------------------------------|
| FOCAR EM:           | OBJETIVIDADE  | APROFUNDAR OS DADOS                                    | PREPARAR UM MATERIAL DE APOIO DE QUALIDADE | MANTER A ATENÇÃO DA AUDIÊNCIA     |
| PRINCIPAIS TÓPICOS: | PONTOS BÁSICOS (PROBLEMA, SOLUÇÃO, PÚBLICO E DIFERENCIAL) | + EQUIPE, CRESCIMENTO E MERCADO                        | + PROJEÇÕES FINANCEIRAS                    | + NARRATIVA OBJETIVA E INTRIGANTE |
| MATERIAL DE APOIO:  | NÃO   | DEPENDE SE FOR UMA APRESENTAÇÃO CURTA E OBJETIVA, SIM! | SIM  | SIM                               |

**20**

O pitch é interessante porque desperta o interesse dos alunos de “vender” a sua região para as outras pessoas, levando-os, automaticamente, a **refletir** sobre as estratégias que devem usar na elaboração do vídeo.

Ele será usado pelos alunos para atraírem investidores para a região do país que representam. Já divididos em grupos e sabendo qual região representarão, os alunos devem passar para a fase de **pesquisa**, a fim de angariar informações importantes sobre a geografia, história e variação linguística da região alvo.

Devemos incentivar nossos alunos a pesquisarem. A construção do conhecimento individual e a autonomia durante a pesquisa são aspectos relevantes para eles em suas situações intercambiáveis da escola com a vida real.

Carabetta Júnior (2009) define a **reflexão**

como a capacidade de se voltar sobre si mesmo, sobre as construções sociais, sobre as intenções, representações e estratégias de intervenção, supõe a inevitabilidade de utilizar o conhecimento à medida que vai sendo produzido, para enriquecer e modificar a realidade e suas representações, as próprias intenções e o próprio processo de conhecer.

Pádua (1996) define pesquisa como:

toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações. (p. 29 apud MATTOS e CASTANHA, p. 2).

Paulo Freire (p. 32 apud MATTOS e CASTANHA, p. 4) vai além para afirmar que “não há ensino sem pesquisa e não há pesquisa sem ensino”.

O que se espera, afinal, é que os discentes conectem as pesquisas ao que lhes é apresentado e proposto, cumprindo os objetivos específicos, inclusive. É relevante deixar a criatividade dos alunos determinar o que eles devem fazer no pitch, não sonogando, contudo, orientações importantes sobre qualquer aspecto do trabalho. A nossa própria preparação é fundamental para o bom andamento das atividades.

A partir dessas perguntas, o professor deve observar a dinâmica do grupo, os conflitos gerados e como eles serão resolvidos pelos participantes. O mediador pode fazer intervenções, caso perceba a necessidade de uma.

Perguntas norteadoras serão propostas nos grupos de WhatsApp ou no Google Docs:

O que faria um empresário, colaborador ou cliente investir na sua região?

Quais os recursos disponíveis?

Como é a geografia da sua região?

Qual a história?

Qual o diferencial da região para atrair as pessoas?

Quais tipos de empresários, colaboradores e clientes investiriam na sua região?

4ª etapa  
PRODUÇÃO FINAL

Guiados pelas perguntas, mas não cerceados por elas, os alunos produzirão, por fim, o vídeo, com seus smartphones ou outras câmeras, sobre a região que escolheram representar, expondo os motivos de alguém investir lá. Eles já, possivelmente, produziram o roteiro do pitch, com auxílio da escrita colaborativa, usando o Google Docs ou Whatsapp, com as estratégias que deverão usar para atrair os investidores. Eles devem, então, transformar o planejamento em algo concreto, na produção. O objetivo é gravar o vídeo e postá-lo no Youtube e/ou Facebook.



O tempo estimado para a produção do vídeo é de duas semanas

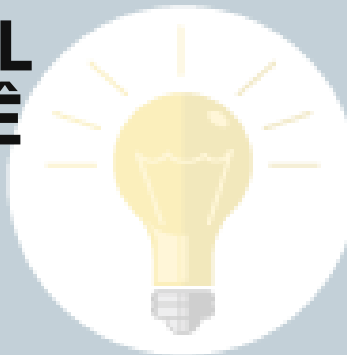


Importante deixar claro que o vídeo deverá abordar aspectos geográficos, históricos e variações linguísticas do lugar e, em contrapartida, não pode ultrapassar o tempo de 20 minutos. O desafio aos alunos tende a torná-los ainda mais interessados. É interessante que você assista os vídeos antes de serem postados e, assim, perceba controle conteúdos impróprios, degradantes, preconceituosos ou contendo qualquer tipo de discriminação. Isso pode ser observado, também, quando os alunos estiverem construindo o roteiro dos trabalhos. Por ser um vídeo de curta duração, não serão requeridos conhecimentos técnicos aprofundados dos alunos no que tange à edição, sendo certo, porém, que alguns deles podem ter mais familiaridade com a produção e edição de vídeos. Os vídeos que foram assistidos durante a introdução também podem ajudar os discentes a saberem como fazer.

Enfim, monte uma exibição com o trabalho dos grupos!  
Vai ser um sucesso!

O projeto é aplicável e depende de recursos que, em grande parte das escolas, já estão disponíveis, sendo beneficiado pela facilidade de acesso à rede, considerando que, hoje, os alunos gozam de smartphones, tablets, computadores, etc. e a própria escola se vê mais significativa na quantidade de recursos disponíveis.

## E AÍ, EM QUAL REGIÃO VOCÊ INVESTIRIA?



Que tal, depois de todos os vídeos estarem prontos, montar uma feira de empreendedorismo e exibir os trabalhos para a escola e comunidade escolar? A ideia é que a feira se desenvolva pensando na pergunta ao lado.

## Avaliação

A avaliação deve orientar a aprendizagem e neste projeto se dará pelas competências e habilidades desenvolvidas pelos alunos. As formas de avaliação podem ser mescladas e devem ser adaptadas aos objetivos e necessidades de cada turma. O professor deve ter a sensibilidade de identificar nos discentes o grau de evolução oral obtido. Presumo que você conheça a turma e já tenha conhecido a maior parte dos integrantes dela, ou seja, está acompanhando o avanço de seus alunos.

Você pode pedir que os alunos façam uma auto-avaliação e, depois, fazer um debate na sala de aula sobre os resultados alcançados com a proposta.

Perguntas como: "O que você sabe agora sobre a região X?"; "Como é o relevo da região Y?"; "Como é a história da região W?"; "Por que você iria para a região Z?"; "Por que investiria lá?", por exemplo, ajudam a incitar os alunos a continuarem dissertando sobre o tema e aprendendo em grupo, construindo respostas importantes a partir de experiências intra e extraclasse.

Professor, a tabela a seguir pode auxiliá-lo na autoavaliação que os alunos devem fazer. Lembrando sempre que você pode adaptá-la conforme as suas necessidades.

|  |   |
|--|---|
| O que você achou da sua participação durante o trabalho?                                 | <input type="checkbox"/> Ótima<br><input type="checkbox"/> Boa<br><input type="checkbox"/> Regular<br><input type="checkbox"/> Ruim         |
| Quanto você considera ter ajudado o grupo?   | <input type="checkbox"/> Muito<br><input type="checkbox"/> Razoavelmente<br><input type="checkbox"/> Pouco<br><input type="checkbox"/> Nada |
| Você acha que suas participações foram, de fato, relevantes para o trabalho? Justifique. |   |
| Qual foi a parte mais interessante do trabalho?  |   |
| O que você aprendeu e nunca mais esquecerá sobre as regiões brasileiras?                 |   |

Diz Luckesi (2002) que devemos colher dados essenciais para avaliar aquilo que pretendemos que seja avaliado. O autor continua dizendo para que os instrumentos de avaliação:

a) sejam adequados ao tipo de conduta e de habilidade que estamos avaliando (informação, compreensão, análise, síntese, aplicação...); b) sejam adequados aos conteúdos essenciais planejados e, de fato, realizados no processo de ensino (o instrumento necessita cobrir todos os conteúdos que são considerados essenciais numa determinada unidade de ensino-aprendizagem; c) adequados na linguagem, na clareza e na precisão da comunicação (importa que o educando compreenda exatamente o que se está pedindo dele); adequados ao processo de aprendizagem do educando (um instrumento não deve dificultar a aprendizagem do educando, mas, ao contrário, servir-lhe de reforço do que já aprendeu. Responder as questões significativas significa aprofundar as aprendizagens já realizadas).

Em suma, discussões intraclasse, auto-avaliação e a rubrica a seguir podem ajudar a mensurar a qualidade do trabalho desenvolvido. E esta última, especialmente, do vídeo produzido pelos alunos.



|   |   |   |   |               |
|---|---|---|---|---------------|
| O vídeo tem conteúdo próprio para exibição?   | O vídeo não apresenta qualquer problema para exibição - Bom | O vídeo apresenta conteúdo parcialmente impróprio para exibição (nudex, palavrões descontextualizados, sexo implícito e/ou similar) - Regular | O vídeo não pode ser exibido (é racista, preconceituoso, contém cenas explícitas de sexo e/ou similar) - Abaixo do esperado (contate, particularmente, o grupo) | Não foi feito |
| O trabalho atingiu o objetivo principal, ou seja, é um pitch sobre o tema proposto? | Atingiu completamente                                       | Atingiu parcialmente  | Atingiu minimamente   | Não atingiu   |
| O vídeo tem imagens, sons, outros vídeos, faz links com outros textos?              | Traz imagens, sons, outros vídeos, faz links - Bom          | Traz parcialmente imagens, sons, outros vídeos, faz links - Regular   | Não traz imagens, sons, outros vídeos, não faz links - Ruim   | Não foi feito |

|  |                                   |   |  |  |
|--|-----------------------------------|---|--|--|
| O vídeo apresenta erros de execução?   | Não apresenta qualquer erro       | Apresenta pequenos erros e pode ser corrigido | Apresenta erros graves e necessita de correção | Não foi feito  |
| O vídeo é próprio e tem o nome da escola, nome do professor, dos alunos, da campanha, créditos, referências, cita todos os donos dos direitos autorais, faz menção de toda propriedade intelectual, não viola nenhum direito certo e líquido de autoria? | O vídeo respeita todos os tópicos | O vídeo respeita parcialmente                 | O vídeo respeita minimamente                   | O vídeo não respeita<br>(Professor, antes de divulgar o vídeo, peça que os alunos corrijam os pontos falhos. Respeite a propriedade intelectual do artista!) |

O que se espera, ao final, é que os alunos possam ser capazes de conhecer mais, geografica e historicamente, as diferentes regiões brasileiras e suas respectivas variações linguísticas. E que façam o pitch, lançando mão da escrita e da oralidade, com estratégias de empreendedorismo, para atrair investimento para uma determinada região do país, correlacionando o que foi lido, ouvido e assistido para a produção e, conseqüente, construção do conhecimento.

Professor, esperamos que este projeto seja útil para você e o ajude no seu fazer diário. Para melhor aproveitamento, você pode customizar e adaptar qualquer parte deste trabalho. Caso precise de ajuda, contate o desenvolvedor pelas redes sociais (p. 2). Foi um prazer trabalhar com você.  
Até a próxima!

# REFERÊNCIAS

31

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. B823p. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 144p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 07 de novembro de 2017.

BRUNS, Axel. Blogs, Wikipedia, Second Life, and Beyond: from production to produsage. Peter Inc Publishing Inc.: New York, 2008. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=oj2A68UIHpkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 03 de outubro de 2018.

CARABETTA JÚNIOR, Valter. Rever, Pensar e (Re)significar: a Importância da Reflexão sobre a Prática na Profissão Docente. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v34n4/v34n4a14>>. Acesso em: 28 de junho de 2018.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da variação linguística. Educar, Curitiba, n. 12, p. 51-60. 1996. Editora UFPR. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40601996000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601996000100005)>. Acesso em: 02 de outubro de 2018.

D'ANDRÉA, Carlos. Colaboração por pares em rede: conceitos, modelos, desafios. In: RIBEIRO, José Carlos; BRAGA, Vítor e SOUZA, Paulo Victor (Orgs.). Performances interacionais e mediações sociotécnicas. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 283-304.

\_\_\_\_\_. Rumo a uma plataformização social. Letras, n. 53, 2017, p. 17. Disponível em: <<https://medium.com/@carlosdand/rumo-a-uma-plataformizacao-do-social-2384f990fbad>>. Acesso em: 08 de agosto de 2018.

GONÇALVES, Letícia Aparecida de Araújo; BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. Concepções de linguagem: gramática de língua portuguesa e ensino de língua materna. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/16191/13898>>. Acesso em: 02 de outubro de 2018.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? 2002. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2511.pdf>>. Acesso em: 22 de outubro de 2018. de novembro de 2017.

MATTOS, Elenir Maria Andreolla; CASTANHA, André Paulo. A importância da pesquisa escolar para a construção do conhecimento do aluno no ensino fundamental. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2525-6.pdf>>. Acesso em: 16 de outubro de 2018.

OLIVEIRA, Mirian Leite Gomes de. A oralidade no livro didático de língua portuguesa. 2011. Disponível em: <[http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/V/anais/poster/010\\_2011\\_poster.pdf](http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/V/anais/poster/010_2011_poster.pdf)>. Acesso em: 07 de novembro de 2017.

PAZZINI, Darlin Nalú Ávila; ARAÚJO, Fabrício Viero de. O uso do vídeo como ferramenta de apoio ao ensino-aprendizagem. 2013. Disponível em: <[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/729/Pazzini\\_Darlin\\_Nalu\\_Avila.pdf?sequence=](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/729/Pazzini_Darlin_Nalu_Avila.pdf?sequence=)>. Acesso em: 03 de outubro de 2018.

PINHEIRO, Petrilson Alan. A escrita colaborativa por meio do uso de ferramentas digitais: ressignificando a produção textual no contexto escolar. Calidoscópio, v. 9, n. 3 (2011). Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2011.93.07>>. Acesso em: 26 de novembro de 2017.

\_\_\_\_\_. Colaboração/cooperação escrita via internet: questões teórico práticas para inovar práticas de escrita na escola. Revista da Anpoll, v. 1, n. 34 (2013). Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/665/690>>. Acesso em: 26 de novembro de 2017.

RAMOS, Andressa de Brito; SILVA, Marcelo Alexandre da. O uso da oralidade como ferramenta de interação na sala de aula. 2012. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho\\_Comunicacao\\_oral\\_idinscrito\\_1019\\_738787e33febf153f1a935004747c3d.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_1019_738787e33febf153f1a935004747c3d.pdf)>. Acesso em: 07 de novembro de 2017.

RATIER, Rodrigo. Oralidade: a fala que se ensina. 2008. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/315/oralidade-a-fala-que-se-ensina>>. Acesso em: 07 de novembro de 2017.